



paisagem essencial

A paisagista Isabel Duprat relata a experiência de descobrir uma casa-esconderijo no litoral sul da Bahia

POR ISABEL DUPRAT FOTOS TUCA REINÉS



A paisagista, na lateral da casa, com a estrutura ainda original e integrada a uma comunidade de pescadores



Nesta página, visão da área que circunda a casa, com paisagismo feito por Isabel Duprat, mesa e banco Wood's. Ao lado, detalhes do interior, com escada que leva ao mezzanino

CERTAS PAISAGENS NOS FAZEM CÚMPLICES. Não basta que sejam belas. É preciso que nos emocionem e instiguem. Mas que também sejam complacentes e tolerantes. Que nos encham de alegria, mas que acolham nossa seriedade inequívoca, sem truques e sem atalhos. Lugares por onde não se passa impunemente, mas que se quer sempre chegar. Imaginei que esse lugar fosse para mim a montanha fresca, apesar da minha intimidade com a água. Como na surpresa das grandes paixões, me enfeitei por um canto à beira-mar.

Cheguei aqui num fim de semana de muita chuva percorrendo uma estrada difícil. O mar atormentado estava cinzento e sem brilho. Mas ainda que a meteorologia não soprasse a favor, senti o mesmo fascínio que me provocou a savana africana: serena, explícita, transpirando essência primitiva. De repente, estava no Antigo Continente aquele, antes da África se separar da América. Natureza em estado bruto, oferecendo a sobriedade das falésias rosadas, esfareladas em lajes sobre a areia, escancarando as marcas do tempo sem pudor. Tudo muito grande, muito cheio de ar.

O primeiro dia de sol, revelou os azuis e verdes do mar, transformado em lagoas e jardins de algas, no sobe e desce do ritmo das marés, cobrindo e descobrindo praias e recifes. O compasso exato, sinalizando que tudo estava sendo regido por um mestre rigoroso. "Tudo está bem sob as mãos do Autor das coisas", disse Rousseau.

A vegetação não tem a luxúria dos trópicos. Aqui ela se traveste em arbustos de folhas miúdas e coreáceas para enganar o vento implacável e produzir pequenas flores multicoloridas, que se vão encaixando como podem nas escarpas, revestindo o grande chão de areia no topo das falésias. A cabana estava ali, quieta e desbotada, grama crescida, coberta de folhas secas, assentada num platô na proporção da delicadeza. Plano correto para o horizonte. Um anteparo de bromélias, cor de cobre para barrar o avanço da água. Um coqueiro e um chapéu de sol, na distância perfeita para embalar uma rede, uma mata de árvores finas e retorcidas escorrida por trás. Tudo entremeado por coqueiros longilíneos, guardando água para lavar a alma, plantados há 40 anos, pelo pai de irmãos pescadores que habitam esta praia, e lhe conferem tempo e história.

Uma casa de dois cômodos, sem luz, sem plugues, com um quarto dividido por meia parede e um acréscimo com um pequeno mezzanino de madeira, todo aberto, feito para abrigar uma sala, um espaço para vender velas, e uma cozinha. *(Continuação no final da revista)*





Acima, nesta página, detalhe da cozinha e do mobiliário com cadeira de madeira Wood's. Ao lado, sofás-camas na sala, sob janela com venezianas, uma adaptação feita pela paisagista. Na página à direita, o quarto, com teto com esteira de palha de dendê, bancos de vime e artesanato regional



Warchavchick com a persiana Vassouri-nhas, na categoria Têxteis e Revestimen-tos; Daniel Lafer foi o vencedor da cate-goria Iluminação com a luminária Ara-ia; na categoria Eletroeletrônicos, a Centrífuga Müller, design de Gustavo Chelles e Miriam Romo Hayashi foi a vencedora, enquanto o chuveiro Aqua-max, desenhado por Ana Lúcia de Lima Pontes Orlovitz conquistou o primeiro lugar na categoria Equipamentos de Construção; e Luciana Montenegro me-receu o Prêmio Fulvio Nanni com seu Hot-Dog no Fogão a Lenha, inovações transformando o gosto carioca, na cate-goria Ensaio Crítico. A exposição de 37 projetos (vencedores e outros) e 10 cartazes ficará aberta até 9 de dezembro.

Simples e luminoso

A cozinha, a sala de jantar e o living se posicionam, sem problemas, em um úni-co espaço, onde materiais naturais e co-res homogêneas orientaram a ambienta-ção desse espaço múltiplo. Para otimizar o espaço, a cozinha fica oposta à lareira. Os armários, todos brancos, têm portas de vidro, enquanto prateleiras da mesma madeira cobrem a extensão da parede e servem como guarda-louças. Os pratos de refeições, com poemas diferentes um a um, foram produzidos por Laura Ocam-po. A mesa da sala de jantar também é design da decoradora. A madeira usada nas mesas e nos assoalhos traz pátina branca descolorida. Cadeiras dobráveis em lona branca e pequena luminária de design italiano, em couro e pergaminho, completam a sala de jantar. A lareira tem tampa original de vidro com estrutura de metal, com paredes de tijolos refratários. Tudo reflete simplicidade absoluta. A ausência de cortinas, desnecessárias por não haver vizinhança, faz com que o oceano e a praia sejam os principais pro-tagonistas desse projeto que deixa Punta del Este ainda mais bela.

A morada da lua

O mesmo critério foi aplicado também no interior. A ausência de quadros, objetos ou antiguidades obedece ao princípio de simplicidade, quase austeridade. Tudo pensado para que objetos supérfluos em-baralhem a contemplação da paisagem. O

interior e as paredes de vidro também per-mitem a ilusão de se viver ao ar livre, ro-deado por água e vento. A água diante da casa permite uma visão ininterrupta do horizonte, enquanto um caminho de lajes leva a uma árvore retorcida e a uma gran-de pedra que lembram um jardim japonês. Na área mais escondida, há uma pequena horta, que supre a casa com verduras, to-mates e ervas. Aliás, as refeições são os únicos momentos de encontro e de con-versa entre os habitantes da Lua Nova. A casa, pensada para ser compartilhada com amigos, é perfeita para não se levar em consideração o relógio: os dias passam placidamente, entre o nascer e o pôr-do-sol, permitindo passeios bucólicos até os bosques e o mar. Mario Conio lamenta apenas o fato de desfrutar pouco da nova casa, que só é visitada quando seus outros projetos permitem. A agenda do arquiteto é repleta. Além de obras na Espanha, EUA, Argentina e Uruguai, ele reconstrói uma casa na República Dominicana, pro-jetada por ele há 20 anos e recém-destruí-da por um furacão. Os proprietários pedi-ram para que ele não mudasse nada do projeto original. Isso se chama estilo.

Minimalismo e contenção

A lareira, também com linhas simples, forma um retângulo demarcado com dor-mentes de estrada de ferro. As prateleiras, de madeira, são embutidas nas laterais. No centro, paisagens da cidade de José Ig-nácio, por Teresa Magraïne. Este espaço se estende em direção ao terraço, através de grandes janelas, de onde se avista o mar em toda a imensidão que o oceano atinge no litoral do Uruguai. No pavimento superior, a suíte também permite vista panorâmica, de onde se avista a Ilha dos Lobos, José Ignacio e Punta del Este. O resultado final é uma casa onde nada é excessivo e que a archi-tetura lembra a solidez dos rochedos.

Paisagem essencial

Não havia muito a fazer. Estava tudo certo. O quarto se transformou em um só espaço. A sala foi fechada com portas e venezianas para que pudesse ser total-mente aberta, enquadrando o mar, para receber o vento que alivia o verão. A pa-rede lateral, antes vazada por uma nes-

ga, recebeu as mesmas janelas, para per-ceber a mata encostada. O banheiro do lado de fora necessitou de maiores cui-dados e ganhou o conforto de um chu-veiro a gás. Num capricho infantil tive vontade de colorir a cabana como os barcos de pesca enfeitados, para dizer que estão ali. O vermelho que acende o verde das folhas, a areia da praia caian-do as paredes de fora, e o azul claro re-frescante e apaziguador.

A cada ida, desfruto o privilégio de ir dormir após apagar as velas e lampiões, tendo o prazer de despertar sob o corti-nado transparente, olhando a luz vazan-do a telha velha, através do forro de den-dê, sabendo que lá fora há um espetáculo me aguardando.

O jardim tem o descompromisso de não ser necessário. Mas quis presentear esta casa com muitas flores, que encontrei em meu caminho, para agradecer o bem que ela me faz.

Sólidos, líquidos e cremosos

O bar se divide de maneira progressiva em duas partes. A primeira está situada em torno do longo balcão luminoso, em vidro esculpido, que lembra um gigan-tesco iceberg e que acende ao contato das mãos. Em frente a esse surpreendente dis-positivo foram alinhados bancos em estí-lo Luís XV, prateados com assentos em couro cinza, e, paralelamente ao balcão, dispostas longas mesas em inox, ilumina-das por pequenos lustres de murano. A segunda parte é bem mais *cosy* e foi mo-biliada com poltronas Club, de couro, dis-postas sobre tapete tecido à mão. Outros destaques dessa ala são os painéis colorí-dos que representam portos e jardins do século 17, criados pelo artista francês Claude Gelée. Em frente às reproduções monocromáticas, foram dispostas super-fícies transparentes de cores radicalmen-te modernas que, além de interagir com as imagens de fundo, permitem a difusão de luminosidade quente e aproximativa. No entanto, nem só de décor vive um bar. Há coquetéis surpreendentes e divertidos, como os drinks 3D (em três densidades: sólidos, líquidos e cremosos), que vale-ram à dupla Luigi Colombetti e Thierry Hernandez inúmeras visitas de jornalistas curiosos e sedentos. Santé!